

CAPÍTULO 11

PEDAGOGIA E PSICOPEDAGOGIA: CONCEITOS HISTÓRICOS E DIÁLOGO SOBRE A EDUCAÇÃO TRADICIONAL E A ESCOLA NOVA

Edna Machado da Silva

Especialista em Educação Especial e Licenciatura em História pela Faculdade Martins – FAMART. Bacharelado em Teologia pelo Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR. E-mail: comercialibm@hotmail.com.

José Ronaldo de Freitas Machado

Mestrando em Educação pela Universidade de Uberaba – UNIUBE. Mestrado Internacional em Teologia pela Universidad Martin Lutero - UML. E-mail: jr.ronaldoronaldo@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8026976631953005>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8416-259X>

RESUMO

O processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na educação básica vem assinalando nos últimos anos alguns preceitos legais, epistemológicos, práticos e metodológicos com maior fundamentos no que tange organizar ações educativas que visem atender de forma igualitária e equitativa os alunos. Neste artigo, buscamos alguns referenciais teóricos que nos auxiliem na compreensão de se promover uma estreita relação articulação entre a educação geral e a educação especial. Concluimos que diante das atuais políticas educacionais, corroborar com as discussões sobre a educação como direito humano e no reconhecimento de que a educação envolve um ambiente cultural e comunitário onde as políticas afirmativas devem ser ampliadas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Inclusiva; Educação Especial: Política De Educação Especial.

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva conceituar, dialogar e refletir sobre a pedagogia e a psicopedagogia, no que concerne à educação tradicional e à escola nova, além das práticas pedagógicas, tal como a atuação do professor e sua organização no atendimento educacional no processo construtivo do ensino.

A relevante temática busca, geralmente, uma reflexão crítica com o sistema educacional, objetivando construir uma sociedade mais inclusiva que garanta a excelência do ensino educacional a cada aluno, respeitando e acatando as diversidades, almejando uma educação de valorização das potencialidades nas necessidades dos alunos (Brasil, 1988).

Para tanto, a pesquisa está pautada na revisão de literaturas, numa abordagem denominada “pesquisa qualitativa”, usufruindo-se dos materiais bibliográficos na área de pesquisa, artigos, e dos documentos legislativos que fundamentam a concepção de direitos humanos e a igualdade das oportunidades definidas pela garantia do direito de todos à educação, conforme consta na Constituição Federal (Brasil, 1988), e valoriza as diferenças.

Além disso, é relevante expressar que toda temática que se pretende pesquisar, traz consigo uma história. Portanto, brevemente, apresentar-se-á o contexto histórico acerca da educação até que se possa descrever as características pertinentes à educação tradicional e o posicionamento da escola nova, de igual forma as contribuições diretas na formação sócio-histórico-educacional dos alunos; e o desenvolvimento das competências no efetivo exercício da cidadania.

CONCEITOS HISTÓRICOS

A educação na sociedade contemporânea, tal como antigamente, tem demonstrado preocupação no quesito qual pedagogia deveríamos adotar no ensino-aprendizagem. Tendo em vista que o público que compõe a sociedade atual seja vista como hiperconectada, chega a acreditar que não é mais necessário frequentar uma sala de aula para a construção do conhecimento, ou seja, para sua formação. Tal atitude é conhecida como “educação não formal” (Gohn, 2006).

Assim sendo, a sociedade chamada de modernidade líquida por Bauman (2011) e hiperconectada, sente-se na liberdade de menosprezar os docentes, a ponto de dar credibilidade às falas de oposição ao conhecimento

já construído ao longo dos anos por inúmeros cientistas, pesquisadores, mestres, doutores, simplesmente porque alguém que se diz representá-lo, mesmo sem nenhuma base convincente, sem argumentação e sem conhecimento de causa, afirmando ser mentira, ou que ele encontrou a verdade absoluta dos fatos que julga serem verdadeiros. A respeito disso, parece-nos uma lacuna pedagógica, ou seja, uma falta de formação e apreço pela educação que transforma pessoas que, por sua vez, poderão transformar o mundo (Freire, 2014).

Nos últimos anos, o cenário educacional no Brasil vem passando por situações antagônicas no que tange à valorização do docente que tem se esforçado para que a educação (ensino) não chegue à estagnação. Tal esforço fez os educadores permanecerem firmes, mesmo diante de tantos contratempos e acusações ora psicológicas, ora verbais, tentando disseminar o ódio, já que no período pandêmico os docentes tiveram que se reinventarem com aulas à distância e diferenciadas, tencionando atingir aqueles alunos que os aguardavam do outro lado de um aparelho de comunicação para estudarem e apreenderem algo novo, principalmente a não perderem a esperança em dias melhores.

Além disso, ainda se discute o porquê de tanta perseguição aos professores, visto que estes sempre tiveram o capricho de zelarem pelo conhecimento e sua construção nas diversas teorias de aprendizagens existentes no ensino e por aqueles que ainda não dominam bem os saberes nem conhecem as competências, sobretudo as habilidades necessárias para sua formação.

Apesar de a contribuição de Aranha (2006, p. 31) ser relevante, já que “a educação não é simples transmissão da herança dos antepassados para as novas gerações, mas o processo pelo qual também se torna possível a gestação do novo e a ruptura com o velho”, isso implica em dizer que não se deve ficar preso às pedagogias tradicionais, que tinham por regra uma formação de repetições e transmissão de conhecimentos; uma educação bancária e não libertadora.

Nesse íterim, postulou Freire (2014, p. 18): “A educação reproduz, assim, em seu plano próprio, a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem”, ou seja, uma educação que não influencia outras pessoas a buscarem a libertação, a transformação e a construção do conhecimento não merecem o devido valor. Portanto, os conceitos históricos a respeito da pedagogia e da psicopedagogia, tal como as reflexões, fundamentações e atuações, são dignos de aceitação, sobretudo pelo que representam no ensino.

Sendo assim, conceituar o termo “pedagogia” é relevante para essa pesquisa, pois quando se perde o significado, perde-se a valorização, o objetivo de sua existência. E o que fazer? Certamente, buscar uma pedagogia melhor! Sabe-se, entretanto, que o substantivo “pedagogia” carrega, etimologicamente, a missão de conduzir pelo caminho certo o discente. E esse caminho é a educação, a construção no ensino-aprendizagem. A pedagogia, desde os primórdios da educação até a contemporaneidade, é defendida e entronizada como mestra na condução, construção, mediação e formação do conhecimento do sujeito no ensino educacional. Educar não é nada fácil, todavia para muitos trata-se de uma arte poder realizá-la, ou seja, uma educação efetivada com as habilidades da arte (Imbroisi, 2022).

Nessa tessitura pedagógica, observa-se uma breve trajetória acerca da educação que, consoante a tradição dos povos em suas respectivas épocas, era passada de forma oral. Sequencialmente, ter-se-ia uma educação mais religiosa, de acordo com a cultura dos povos primitivos, a saber, os sumérios, os egípcios, os povos semitas e o desenvolvimento na Grécia Antiga, de forma intelectual em Atenas e como estratégia de guerra em Esparta (Machado, 2021).

Essencialmente, espera-se alcançar uma pedagogia, segundo a descrição de Machado (2021, p. 20), que busque: “[...] prática para a formação com olhares futurísticos de uma sociedade exemplar (de primeiro mundo) a que se procura chegar”. Além do mais, o autor supracitado fez apontamentos pertinentes à pedagogia rabínica, em que o mestre era o centro do discurso dialético, e os demais eram apenas ouvintes, porém isso era demonstrado como algo cultural na Palestina. No entanto a tendência pedagógica do Mestre da Galileia, Jesus, tinha o objetivo reformista, humanitário e sócio-histórico-religioso, pois visava à formação libertadora e transformadora daqueles que eram excluídos da sociedade de sua época.

As abordagens elencadas servem-nos como fundo histórico, ainda que em síntese, deixam-nos a segurança de sua contribuição nesta pesquisa qualitativa em que há pontos para frisar a importância da educação e da pedagogia. De igual forma, a temática permite-nos reflexões da pedagogia com a psicopedagogia, devido às duas disciplinas estarem totalmente associadas. Para tanto, merece observação o que disse Machado (2022, p. 121):

[...] a pedagogia tem a função de conduzir o aluno na construção do saber, era vista como o saber “pedagógico da cura” e por fim passou ao reconhecimento de “Psicopedagogia” que merece reconhecimento por sua

interdisciplinaridade, na habilitação profissional ao docente na sua formação.

Tanto a pedagogia como a psicopedagogia têm a missão de mediar a construção do ensino-aprendizagem dos alunos que necessitam de formação educacional regular. Além destes, principalmente daqueles com necessidades especiais, quando são detectadas pela avaliação diagnóstica ou dito pelos genitores, logo fala-se sobre uma educação inclusiva, que é direito de todos, independentemente de qualquer que seja a situação. Sobre isso, notadamente, rezam os seguintes documentos: Constituição Federal (Brasil, 1988); Lei Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/96; Declaração de Salamanca (1994), na qual se expõem sobre a educação especial como modalidade que acontece em todos os níveis da educação e dos anos de escolaridade que nem a modalidade de ensino.

Portanto, os descritivos, os apontamentos, as reflexões postuladas nesta pesquisa e seu interesse em frisar os conceitos históricos sobre a pedagogia e a psicopedagogia permitem-nos concluir que essas duas áreas de conhecimento possuem máxima importância.

Por conseguinte, serão elencadas, a respeito da tendência ou da abordagem pedagógica, as que se adaptariam melhor ao contexto em que vive a sociedade atual, e à atuação conjunta com a psicopedagogia. Antes, entretanto, é aconselhável refletir sinteticamente sobre a história da educação.

SÍNTESE HISTÓRICA ACERCA DA EDUCAÇÃO

Antes mesmo que se possa falar das diferenças existentes entre os dois posicionamentos pedagógicos: tradicional e escolanovista, é digno declarar que o ensino e as escolas que existem atualmente diferem das de antigamente. Primeiramente, tal afirmativa se justifica porque o homem não tinha domínio sobre os fenômenos naturais e desconhecia-os, visto que não sabiam as razões de eles existirem. Dessa forma, a educação partia do princípio daquilo que o homem não sabia. Nesse contexto, desenvolve-se duas formas de educação: uma para a sobrevivência no período paleolítico, e outra para o ministério no decorrer da evolução humana em grupos (Cotrim, Parisi, 1982).

À medida que as nações evoluíam, a educação era repensada de acordo com cada sociedade. Sendo assim, no Extremo Oriente, duas civilizações deixaram suas contribuições à educação, particularmente a Índia e a China, segundo seus posicionamentos filosóficos. Posto que a educação

na Índia, conforme Cotrim e Parisi (1982, p. 57), era assim: “O sistema educacional na Índia estava diretamente relacionado com a posição social que cada indivíduo ocupava”. Logo, a educação era ofertada de acordo com as castas, que representam qual camada social determinada pessoa pertencia por hereditariedade: ou a dos brâmanes, ou a dos xátrias, ou, quem sabe, dos vaixás, ou, por último, a dos os sudras.

Outro fator não menos importante no tocante à Índia, era o fato de sua formação cultural está totalmente ligada ao aspecto religioso. Entretanto um marco importantíssimo na Índia foi a figura de Sidarta Gautama (563 a.C. - 483 a.C.), comumente chamado apenas de Buda, o fundador do budismo, que mesmo vivendo uma vida regalada, preocupava-se com a tristeza e o sofrimento de seus semelhantes. Dessa maneira, a preocupação do budismo era o homem e sua libertação do sofrimento, que é entendido como o nirvana, ausência absoluta de sofrimentos em busca de uma paz eterna (Cotrim, Parisi, 1982).

Em sequência, pode-se dizer que a educação na China estava centrada no homem e sua vivência em sociedade. Portanto, esmerava-se em busca de um administrador com ideais que atendessem aos céus e que governasse bem os homens. A partir disso, a função dos educadores, segundo Cotrim e Parisi (1982 p. 68), era: “[...] preparar bons dirigentes para a sociedade, promovendo, entre os discípulos, a prática das virtudes morais como equilíbrio, a moderação e a tolerância”. Com isso, a educação na China apenas copiava, não pensando em criar algo, já que sua missão era educar para servir ao imperador, segundo os autores supracitados.

Na China, assim como na Índia, um grande líder se sobressaiu. Seu nome, *a priori*, era Ching Kung, depois passou a ser chamado de Kung-Fu-Tsé, porém no Ocidente esse líder é conhecido como “Confúcio” (479 a.C. - 551 a.C.), que defendia uma educação social e um governo de correção, ou seja, não corrupto, para que o povo não se corrompesse. Certamente, Confúcio foi o filósofo mais proeminente da história chinesa cujos princípios, concepções e instruções moldaram a cultura chinesa há cerca de 2.000 anos (Redyson, 2015).

Nessa conjuntura acerca da educação, na Grécia Antiga, berço da civilização ocidental, quem ministrava a educação era a própria família, pois nessa época não havia ainda a escrita e seguia-se a tradição religiosa (Aranha, 2006). Mesmo depois da evolução dos povos e do aparecimento da pólis, por volta do século VI a.C., a educação não era, de fato, direito de todos, mas, sim, apenas discursos sobre a democracia. A educação ainda

continuava para benefício da elite, dos jovens e famílias tradicionais da nobreza.

Ainda sobre a educação na Grécia Antiga, ressalta-se que a grande influência educacional ocorreu depois das grandes conquistas de Alexandre, o Grande, (356 a.C. - 323 a.C.), por volta do século IV a.C. À vista disso, adotou-se o pensamento da cultura helenística, em que a educação intelectual conseguiu maior notoriedade e demarcou o ensino das ciências humanitárias e das exatas (Cotrim, Parisi, 1982).

Em decorrência disso, pode-se contar com a enorme contribuição na educação dos célebres filósofos: Protágoras (490 a.C. - 415 a.C.), Sócrates (470 a.C. - 399 a.C.), Platão (427 a.C. – 347 a.C.) e Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.), sendo que estes últimos citados defendiam que a educação partia do pressuposto do despertar das ideias contidas nas pessoas, mesmo antes delas terem nascido.

Logo após os gregos, a educação será apreciada pelos romanos. Entretanto, no âmbito cultural, eles receberam diretamente a influência da civilização grega; já na ciência e na filosofia os romanos não alcançaram grande projeção. Pode-se descrever, porém, que a nobre contribuição dos romanos está pautada nas leis jurídicas, que eles aperfeiçoaram, deixando um importante legado às futuras civilizações. A educação romana, em seu princípio, era mais cívica (Cotrim, Parisi, 1982; Cambi, 1999).

A respeito dessa educação, observemos a análise de Cambi (1999, p. 106): “A educação na Roma Arcaica teve, sobretudo, caráter prático, familiar e civil, destinada a formar em particular o *civis romamus*, superior aos outros povos pela consciência do direito como fundamento da própria “romanidade” [...]”. A princípio, a educação era ofertada pelas mulheres aos filhos e em casa; vindo a ser viúva, passava a missão aos mestres de sua época. No entanto a educação na Roma Antiga estava totalmente estruturada pelas facetas helenísticas, a ponto de o termo “paideia romana” ser empregado da mesma forma que os gregos (Cambi, 1999).

Com o passar dos anos, chega-se ao período da Idade Média, em meados do século XII, influenciado pelo renascimento urbano, e as primeiras escolas foram erguidas com a finalidade de se contraporem ao ensino religioso, tendo em vista os interesses da burguesia, que estava constantemente em ascensão. Nesse período, não havia, geograficamente, um lugar certo para os alunos.

Para tal, ressalta-se que: “[...] essas escolas não dispunham de acomodações adequadas, e o mestre recebia os alunos em diferentes locais: na própria casa, na igreja ou em sua porta, numa esquina de rua ou ainda

alugava uma sala” (Aranha, 2006, p. 112). Apropria-se em dizer que esses lugares eram apenas para os alunos da educação inicial, sendo que as escolas superiores alcançaram sua posição no final da Idade Média, conforme a autora supracitada.

De modo geral, surgiram as escolas religiosas através dos mosteiros e ordens religiosas, a ponto da educação, no período medieval, ser caracterizada pela igreja dominante de sua época, notadamente a Igreja Católica. Os inconformados com o ensino medieval, porém, corriam atrás de uma educação realista, contemplativa, em direção à modernização, em busca da transformação. Contudo essa educação não atingiria toda a população da época, pois estaria restrita à nobreza.

No decorrer da história, serão observados dois grandes eventos: a Reforma Protestante e a Contrarreforma, ou Reforma Católica, que enviou missionários com postura militar para evangelizar sobre a fé e ofertar uma educação aos povos das terras por onde passavam (Aranha, 2006). Esse fato teve sua ocorrência no Brasil Colônia, a partir do século XVI, com a chegada da Companhia de Jesus cujos membros são os jesuítas, destacaram-se os padres: Manoel da Nóbrega (1517-1570), José de Anchieta (1534 - 1597) e Antônio Vieira (1608 - 1697). Esses jesuítas tinham como objetivo primordial catequizar e converter os nativos habitantes do Novo Mundo à Igreja Católica, conforme Conceição (2017).

Entretanto, mesmo diante disso, eles contribuíram diretamente na formação educacional. É claro que, para os nativos, a educação partia de um princípio mais religioso do que secular. Com isso, houve um grande avanço no ensino, porém numa tendência da pedagogia tradicional. E sobre essa tendência, ou abordagem, suas características principais serão pontuadas a seguir.

DIÁLOGO SOBRE A EDUCAÇÃO TRADICIONAL E A ESCOLA NOVA

As diferenças entre a educação tradicional e a escola nova serão tratadas sob um viés panorâmico, pois os estudos a respeito dessas diferenças abrangem um vasto campo de pesquisa, não havendo como se debruçar sobre esse acervo. Por isso, é *mister* entender que as teorias pedagógicas são inúmeras, todavia a descrição a seguir nos importa muito, para clarificar os termos acerca das teorias, como se percebe: “[...] se toda teoria pedagógica é teoria da educação nem toda teoria da educação é teoria pedagógica” (Saviani, 2008, p.12). Logo, isso explica o fato de a pedagogia

se caracterizar pela prática educativa, orientando-se no processo da educação, do ensino e da aprendizagem.

Sequencialmente, a respeito da pedagogia tradicional, a escola era organizada por classes que contavam com um professor bem-preparado, instruído que, assim, transmitia conhecimentos gradativamente lógicos e questões culturais aos alunos, sempre tendo o professor como centro de todo o aprendizado e nunca sujeito no processo formativo (Saviani, 1988).

O que se chama “pedagogia tradicional” era vista, em tempos idos, como a escola tradicional, que muito foi e ainda é criticada por não permitir a ascensão do aluno na construção do conhecimento, mas, sim, apenas um copista do que lhe foi *xerocado*. De mais a mais, faz jus a citação, para entendimento acerca da postura tradicional da educação: “Na escola tradicional, o conteúdo é transmitido de maneira unilateral e dogmática, separado da realidade do aluno. O ensino é centrado no professor e o aluno é considerado um mero receptor de informações” (Carniel; Raymundo; Souza, 2012, p. 51).

Nesse sentido, importa-nos a descrição de Libâneo (1996, p. 22):

A escola se caracteriza por acentuar o ensino humanístico tradicional de cultura geral, onde o aluno é educado para atingir pelo próprio esforço sua plena realização como pessoa. Toda prática educativa é desvinculada do cotidiano do aluno e muito menos das realidades pessoais; as regras são impostas e existe o cultivo do exclusivamente intelectual.

Em síntese, não é esse tipo de escola e pedagogia que se quer para a sociedade, mas, sim, uma escola e uma pedagogia que liberte, transforme, renove e desenvolva continuamente a construção do conhecimento educacional numa escola nova, na qual todos possam desfrutar do melhor ensino, recreação, formação com amplitude dos conhecimentos teóricos, práticos e atuantes, para que se cumpra de fato uma educação para todos, sem nenhuma exclusão e elitismo.

À medida que se fazia duras críticas à escola e à pedagogia tradicional, uma nova pedagogia ganhava força e visibilidade, explicitando-se conforme afirmou Saviani (1988, p. 19): “[...] esboçando uma nova maneira de interpretar a educação e ensaiando implantá-la, primeiro, através de experiências restritas; depois, advogando sua generalização no âmbito dos sistemas escolares”. A partir desse posicionamento, a marginalidade não era mais vista como características de ignorância, sem o conhecimento, mas como alguém rejeitado.

Portanto, a nova escola e sua pedagogia não conseguiriam resolver os problemas da educação, já que são, claramente, muitos. O que se almeja não é uma pedagogia e uma escola que excluam as pessoas, mas que possa, sim, incluí-las na sociedade do conhecimento, do trabalho e de suas mais variadas formas de realização como ser humano. Isso implica em dizer que a educação, a pedagogia e suas tendências não podem protocolar o sujeito na construção do ensino, porque cada ser humano é um ser único em sua existência.

De acordo com Saviani (1988), os pressupostos apresentados pela pedagogia nova, ou seja, pela escola nova, não conseguiram êxito em erradicar a marginalidade, mas somente agravá-la. No entanto a ideia principal dessa teoria, tendência ou abordagem pedagógica, era apresentar um ensino de qualidade, uma escola com uma visão nova; algo, aliás, que todos que educam vêm sonhando ao longo dos anos.

Mesmo diante das críticas a essa nova visão de escola, sabe-se que nas décadas de 20 e 30 do século passado, essa tendência pedagógica trouxe contribuições que são dignas de observação, conforme aqui postuladas por Saviani (2008, p. 245):

Pela laicidade se evitará que o ambiente escolar seja perturbado por crenças e disputas religiosas. Pela gratuidade, se garantirá o acesso a todas as escolas oficiais. Pela obrigatoriedade, se estenderá progressivamente o ensino até os 18 anos, evitando que as crianças e os jovens sejam prejudicados pela ignorância dos pais ou responsáveis ou pelas contingências econômicas. Finalmente pela co-educação [sic] não se permitirá a separação entre alunos de um ou outro sexo, a não ser quando justificada por aptidões psicológicas ou profissionais pondo-os no mesmo pé de igualdade e envolvendo todo o processo educacional, torna mais econômica a organização da obra escolar e mais fácil sua graduação.

Conseqüentemente, na abordagem da escola nova, os educadores assumem a postura de mediadores, facilitadores da aprendizagem, sempre estimulando a curiosidade dos alunos, pois desse jeito não são apenas transmissores de conteúdo, mas assistem o aluno. A centralidade dessa nova pedagogia visava ao educando, que tem a liberdade de criticar, tal como de participar das aulas como pessoas autônomas e ativas.

Outrossim, os apontamentos acima fazem-nos atentar para as palavras de Freire (2014, p. 25) quando afirma: “A pedagogia aceita a sugestão da

antropologia: impõe-se pensar e viver ‘a educação como prática da liberdade’. Para tal fim e na mesma visão educacional, Saviani (2000, p. 35) declara que: “[...] a educação visa o homem; na verdade, que sentido terá a educação se ela não estiver voltada para a promoção do homem?”.

As preposições dos autores supracitados, coadunam-se no propósito humanitário, porquanto a educação tem por arcabouço a missão antropológica, para que todas as pessoas, independentemente de sua condição social, histórica, étnica, sexual e religiosa, sejam vistas como humanos que precisam e merecem ser assistidos por uma educação libertária, democrática e sustentável, na qual o aluno não seja visto como um problema, mas, sim, como coparticipante do processo de ensino em sua totalidade.

Defende-se esse pressuposto pelo fato de que as pessoas vão se construindo ao longo da história, desde seu início sobre a Terra, estudado por diversos pesquisadores, cientistas, mestres e doutores que, nesse diálogo das ideias, são dignos de citação, a saber, Émile Durkheim (1858-1917), que contribuiu por demais com seus pressupostos através da educação moral, não se esquecendo dos fatos sociais, diferenciando os fenômenos sociológicos dos individuais e ainda dialogando com a religiosidade intrínseca na sociedade (Vares, 2020).

Outro teórico, que se faz fundamental pontuar, é Karl Marx (1818-1883). *A priori*, seu discurso sobre a educação defendia que ela era ofertada de forma dominante pelas massas que se sobrepunham ao proletariado, como ele chamava a classe dominada. Marx, contudo, entendia que a verdadeira educação é socializante e deve ser igualitária a todos; mas não somente isso, uma educação mais justa e com equidade (Giancaterino, 2022).

Nesse consenso sobre educação, importa-se falar sobre Max Weber (1864-1920), que acredita que a educação formaliza a socialização do indivíduo. Ainda que Weber faça parte da tríade sociológica, seu posicionamento parte do geral para o individual no campo sociológico. Além disso, Weber entende que a educação se constitui no processo de habilitar os homens para o desenvolvimento das incumbências deliberadas pela instrumentalização da vida (Gonçalves; Furtado; Moura, 2019). Sendo assim, a educação é defendida como a arma mais poderosa para mudar as pessoas, e essas pessoas podem mudar o mundo; a educação está fundamentada nas questões sociológicas, antropológicas e numa psicologia-religiosa e política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pedagogia e a psicopedagogia, seus conceitos e diálogos históricos na educação foram apontados nesta pesquisa como parte das Ciências Humanas, e que o merecido destaque advém pelas inúmeras contribuições na construção, formação e estruturação do ensino-aprendizagem do discente em seu contexto socio-histórico-educacional, que foi apresentado no desenvolvimento deste trabalho.

Dessa forma, salienta-se que os métodos utilizados, os relacionamentos e compromisso com a boa educação, sempre encorajando as pessoas a prosseguirem no caminho certo, ou seja, no da educação e do ensino, vêm contribuindo para a maturidade educacional, que não aceita a inércia, mas que busca a renovação nas tendências pedagógicas, assunto abordado neste trabalho acadêmico.

Entretanto outros métodos de expansão na educação e suas propostas, dia após dia, são pesquisados no intuito da construção pedagógica, ou seja, psicopedagógica, que não são estanques, mas, sim, estão em constante evolução nas pesquisas acadêmicas. Isso implica em dizer que persistir na educação objetiva o aperfeiçoamento das linhas de pesquisas, com vistas a uma melhor formação na área da educação.

Em síntese, leva-se em conta que todo esforço aplicado nesta pesquisa deve-se pautar na influência da história da educação e pedagogia, que marcou significativamente as mais variadas civilizações antigas, observando o ser humano como sujeito na construção do ensino-aprendizagem, numa formação continuada, libertadora e transformadora na sociedade, seja ela religiosa ou secular.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da Educação*. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil* Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 24 dez. 2022.

_____. *Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais*. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

_____. LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 13. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. (Série legislação, n. 263 PDF).

CAMBI, Franco. História da pedagogia; tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CARNIEL, Fabiane; RAYMUNDO, Giselle Miotto C.; SOUZA, Marcia Maria Previato de. Metodologia de Ensino. Maringá - PR, 2012.

CONCEIÇÃO, José Luis Monteiro da. Jesuítas na educação brasileira: dos objetivos e métodos até a sua expulsão. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/17/3/jesutas-na-educacao-brasileira-dos-objetivos-e-mtdos-at-a-sua-expulso>>. Acesso em: 28 dez. 2022.

COTRIM, Gilberto; PARISI, Márcio. Fundamentos da Educação: história e filosofia da educação. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1982.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 56 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GIANCATERINO, Roberto. A Influência de Marx na Educação. Brasil Escola [S.l.]. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-influencia-marx-na-educacao.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2022.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYdfQ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 24 dez. de 2022.

GONÇALVES, Danyelle Nilin; FURTADO, Elizabeth; MOURA, Eptácio Macário. Sociologia da Educação. 3ª edição. Fortaleza-Ceará: UECE, 2019.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. A Educação em Arte. **História** das Artes, 2022. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/a-educacao-em-arte/>>. Acesso em: 24 dez. 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 14. edição, 1996.

MACHADO, José Ronaldo de Freitas. Abordagem Histórica da Pedagogia e a Pedagogia de Jesus até a Contemporaneidade. In: DICKMANN, Ivo (Org.).

Mosaico Temático, volume 7. 1 ed. Chapecó: Livrologia, 2021. p. 19-35. ISBN: 978-65-86218-50-3. DOI: doi.org/10.52139/livrologia9786586218503. Disponível em: <<http://www.livrologia.com.br/loja/mosaico-tematico---volume-vii>>. Acesso em: 24 de dez. 2022.

MACHADO, José Ronaldo de Freitas. Fatos Históricos, Fundamentação e a Práxis da Psicopedagogia. In: SOUZA, Eliane Alves de., *et al.* (Org.). Metodologias e Práticas de Ensino: (re) contextualizações Contemporâneas. ISBN 978-65-993426-4-6. Volume 1. Rio de Janeiro: IDEHP, 2022, p. 119-131. Disponível em: <<https://www.institutoidehp.com/publicacoes>>. Acesso em: 13 de dez. 2022.

REDYSON, D. Sobre o Conceito de Religião nas Religiões Orientais. In ROSSI, L. A; JUNQUEIRA, S. (Org.) Religião, Direitos Humanos e Laicidade. São Paulo. Fonte Editorial/Anptecre, 2015.

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação e política. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.

SAVIANI, Dermeval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. 13. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, Dermeval. Teorias Pedagógicas Contra-Hegemônicas no Brasil. Ideação. Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE - Campus de Foz do Iguaçu v. 10 nº 2 p. 2º semestre de 2008. <Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4465/3387>>. Acesso em: 20 de dez. 2022.

SAVIANI, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. 2. ed. ver e ampl. Campinas: Autores Associados, 2008.

VARES, Sidnei Ferreira de. Émile Durkheim e a educação moral: a formação do cidadão republicano. Crítica Educativa (Sorocaba/SP), v. 5, n. 2, p. 15-32, jul./dez. 2020. DOI: 10.22476/revcted. v5i2.370. Disponível em: <<https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/370>>. Acesso em: 29 dez. 2022.